



A ARTE QUILOMBOLA NO CONTEXTO ESCOLAR

CHARLLYNGTON FÁBIO DA SILVA RODRIGUES

RESUMO

Este artigo tem como foco central a importância de valorizar e integrar a arte quilombola no ambiente escolar, com o objetivo de criar e fortalecer espaços onde as manifestações artísticas possam não apenas enriquecer o currículo, mas também promover uma reflexão crítica sobre a realidade e os valores culturais quilombolas presentes em nossa sociedade. A valorização da cultura quilombola na escola é fundamental para a construção de uma educação que reconheça e celebre a diversidade cultural brasileira. Nesse sentido, a pesquisa foi conduzida entre os estudantes do 7º ano do Ensino Fundamental do Colégio Estadual Amélia Maria Lima Machado, localizado no povoado Brejão, no município de Brejo Grande, em Sergipe. No local, foi possível identificar a existência de uma abordagem curricular que contempla a história e a cultura afro-brasileira, em consonância com as diretrizes estabelecidas pela Lei 10.639/03, que torna obrigatório o ensino dessas temáticas nas escolas de todo o país. A metodologia adotada para a realização desta pesquisa foi de natureza qualitativa, com ênfase em análises bibliográficas, buscando compreender como as manifestações culturais quilombolas são integradas e valorizadas no contexto escolar. Além de destacar a importância dessa inclusão, o artigo também aborda temas cruciais como o racismo e suas definições, discutindo o papel da escola em promover uma educação inclusiva e antirracista. A reflexão proposta vai além da simples inserção de conteúdos, instigando educadores e gestores a repensarem o currículo de forma a garantir que a arte quilombola seja uma ferramenta pedagógica eficaz na formação de cidadãos conscientes, respeitosos e sensíveis às diversidades culturais que compõem a identidade do Brasil.

Palavras-chave: Conhecimento; Conscientização; Cultura-afro; Respeito as diferenças; Identidade.

1. INTRODUÇÃO

Entende-se que, em pleno século XXI os afrodescendentes ainda são obrigados a carregar o peso do sistema escravista, foram vítimas dos mais diversos tipos de preconceitos entre eles o racial. As comunidades quilombolas são comunidades que auto se declararam afro descendente, que historicamente são um símbolo de luta e resistência contra a escravidão e exclusão do negro na sociedade.

A comunidade quilombola analisada luta junto ao governo federal, estadual e municipal, pelo resgate da sua cultura e valorização de identidade. Essa comunidade está localizada no município Brejo Grande, localizado no extremo nordeste do estado de Sergipe, em uma zona de planície litorânea, junto a foz do rio São Francisco, com a distância de 137km da capital (Aracaju), limitado pelos municípios de Pacatuba e Ilha das Flores, com uma área de 149,952km², população com 8110 habitantes (IBGE 2013), com o IDH-M DE 0,540 (PNUD/2010), no povoado Brejão dos Negros, o maior povoado do município é uma comunidade de remanescente quilombola que recebeu sua certificação pela Fundação Cultural Palmares em 10 de julho de 2006, com RTID publicado desde 30 de abril de 2015 pelo INCRA, seu território reconhecido tem 8.139,55 habitantes.

A população do quilombo no povoado Brejão dos Negros vive da pesca artesanal de peixes e mariscos, bem como da catação de caranguejos nos manguezais. Na área da educação

é composta por três escolas, sendo duas da rede municipal com ensino fundamental, menor e maior, e a outra estadual com ensino fundamental menor, maior e ensino médio.

O Colégio Estadual Amélia Maria Lima Machado, objeto de análise deste artigo científico, é um colégio como tantos outros do nosso país, que passa pela escassez tanto de recursos humanos quanto didáticos-pedagógicos, ainda tem uma estrutura física deteriorada, banheiros de péssima qualidade, telhado danificado, não contém refeitório, o material permanente como, cadeiras e mesas estão quebradas, além disso, não tem vigilante, apenas um servente e duas merendeiras para os três turnos. E apesar de ser um Colégio quilombola percebe-se que o componente curricular de Artes não está voltado para o resgate dos costumes do público alvo. Portanto, é importante destacar alguns itens que impedi o desenvolvimento do componente voltado para a cultura quilombola.

2. MATERIAIS E MÉTODOS

Este estudo foi conduzido com base em uma abordagem qualitativa, centrada na análise bibliográfica e observacional, com o intuito de compreender a valorização e integração da arte quilombola no ambiente escolar. A pesquisa foi realizada no Colégio Estadual Amélia Maria Lima Machado, localizado no povoado Brejão, no município de Brejo Grande, Sergipe. O objetivo central foi investigar como as manifestações artísticas quilombolas estão sendo inseridas no currículo escolar, além de avaliar as condições pedagógicas e infra estruturais da escola. O público-alvo foi composto por estudantes do 7º ano do Ensino Fundamental, pertencentes à comunidade quilombola do povoado Brejão dos Negros, que possui uma forte herança cultural afro-brasileira.

A coleta de dados foi realizada por meio de revisão de literatura relevante, análise documental das diretrizes educacionais, observações diretas nas práticas pedagógicas, e entrevistas com professores e gestores escolares. Foram examinadas as estratégias utilizadas para promover a inclusão da cultura quilombola no currículo escolar, em consonância com a Lei 10.639/03, que torna obrigatório o ensino de história e cultura afro-brasileira e africana nas escolas do Brasil. Além disso, foram analisadas as condições de infraestrutura da escola e sua capacidade de suportar atividades culturais e pedagógicas que valorizem a herança quilombola.

3. RESULTADOS E DISCUSSÃO

Os resultados da pesquisa indicam que, embora o Colégio Estadual Amélia Maria Lima Machado seja reconhecido como uma escola quilombola, há uma desconexão entre a herança cultural da comunidade e as práticas pedagógicas desenvolvidas na escola. Observou-se que o componente curricular de Artes não está alinhado com o resgate e valorização dos costumes quilombolas, limitando-se a abordagens tradicionais que não refletem a realidade cultural dos estudantes.

A escola enfrenta sérios desafios em termos de infraestrutura, incluindo escassez de recursos humanos, materiais didáticos limitados e instalações físicas deterioradas, o que compromete a efetividade de qualquer tentativa de promover a arte quilombola no contexto escolar. Esses problemas estruturais somam-se à falta de formação adequada dos professores para trabalhar com a diversidade cultural, um fator essencial para a implementação de uma educação inclusiva e antirracista.

No entanto, a inclusão da arte quilombola no currículo escolar é vista como uma ferramenta pedagógica poderosa para promover a conscientização cultural e combater o racismo. A análise sugere que o fortalecimento do currículo, com base nas diretrizes da Lei 10.639/03, pode contribuir significativamente para a construção de uma identidade cultural positiva entre os alunos quilombolas, incentivando o respeito às diferenças e a celebração da diversidade.

A discussão também revela que a falta de integração efetiva da cultura quilombola nas práticas pedagógicas reflete uma questão mais ampla de preconceito estrutural e negligência histórica em relação à educação de comunidades afrodescendentes. Apesar dos avanços legislativos, como a Lei 10.639/03, a implementação das diretrizes curriculares enfrenta resistências institucionais e limitações práticas, que precisam ser superadas por meio de políticas educacionais mais inclusivas e investimentos em formação continuada para os professores.

4. CONSIDERAÇÕES FINAIS

Compreende que a educação é eminentemente cultural e que a relação ensino/aprendizagem se constrói no campo dos valores, das representações e de diferentes lógicas, e o negro tem direito a essa cultura. Não lidamos somente com processos cognitivos. Aliás, cada vez mais descobrimos que a cognição é construída na cultura.

Dessa forma, a pesquisa educacional sempre será enriquecida pelo diálogo com outras áreas das ciências humanas. No caso do estudo sobre a questão racial, é importante que esse diálogo se dê com as áreas do conhecimento que, pela sua história, possuem um acúmulo na discussão sobre a cultura e, no caso específico a cultura negra.

Como já foi dito também, ao se discutir sobre a cultura negra não podemos nos esquecer de denunciar a lamentável existência do racismo entre nós principalmente nas escolas, e o campo de estudo para este trabalho que sofre constantemente esse pesadelo de não aceitar a cultura negra quilombola. Diante de todo esse apanhado de informações importantes percebi que os próprios negros se recusam a ser chamados de negro, pensam eles que vão sempre estar submissos aos brancos, eles se sentem rejeitados por alguns fazendeiros terem tomados suas terras. Apesar de ser uma comunidade considerada quilombola 90% das pessoas são negras que trabalham com dignidade e seriedade.

A ausência dessa discussão nas pesquisas educacionais que se propõem a investigar as relações raciais e a formação cultural negra na educação brasileira pode nos conduzir a um debate despolitizado sobre o tema. Porém, não podemos restringir o debate e a pesquisa sobre o negro e sua cultura somente aos efeitos nefastos do racismo. Perceber as lógicas por meio das quais os negros expressam seus sentimentos e atribuem sentido ao mundo, destacar aspectos pouco explorados da cultura negra, resgatar a história da África e da sua cultura e as semelhanças existentes entre esse continente e a sociedade brasileira é também uma tarefa necessária para o campo da pesquisa educacional.

Nessa configuração, os profissionais da educação, conscientes de sua função social, precisam visar um ensino voltado para a diversidade e sua aceitação.

Foi possível perceber durante todo o processo do desenvolvimento do trabalho, tanto na investigação quanto na intervenção pedagógica que para muitos envolvidos nos processos educativos, o assunto envolve aspectos muitos complexos de aceitação de tais conteúdos em sala de aula podendo ser conturbados pela não aceitação do discente em discutir assuntos relacionados à sua etnia.

A escola enquanto instituição social precisa inovar sua prática pedagógica, pois o preconceito contra os afrodescendentes ainda é um tema atual, que precisa ser discutido com urgência no ambiente escolar, a escola mesmo com dificuldades e desafios não pode de maneira alguma desistir ou continuar fazendo de conta que esse problema não existe.

Neste caso, a prática pedagógica deve ser desenvolvida por nossos professores, levando em consideração às demandas atendidas pelas comunidades afro-brasileiras por reconhecimento, valorização a afirmações de direitos, no que diz respeito à educação, passou a ser particularmente apoiada com a promulgação da Lei 10. 639/2003, que alterou a Lei 9.394/1996, estabelecendo a obrigatoriedade do ensino de história e cultura afro-brasileira e africana.

Sabe-se que é uma tarefa árdua, mas é importante e necessário que os educadores insistam em trabalhar a cultura local na escola, como um ponto de partida para a valorização cultural e para construção da identidade.

REFERÊNCIAS

BRASIL. Conselho Nacional de Educação: **Diretrizes Curriculares Nacionais para a Educação Escolar Quilombola**. Brasília: MEC, 2011.

BRASIL. Cultura Afro-brasileira: Lei nº 10.639/03. Educação-Práticas Pedagógicas. Organização **Brice Sogbossi**. 2. ed. São Cristóvão: UFS, 2007.

BRASIL. Lei de Diretrizes e Bases da Educação Nacional. Ministério da Educação e Cultura, 1996. Disponível em: <www.mec.gov.com.br/Legis/zip/lei9394sip>. Acesso em: 25 abr. 2020.

DUMMETT, Michael. Sobre Inmigracion y Refugiados. Trad. Miguel Angel Cale. Madrid: Teorema, 2005.

FREIRE, Paulo. **Pedagogia do Oprimido**. 17. ed. Rio de Janeiro: Paz e Terra, 1987.